

SEGUNDO CADERNO

CONVERSAS NOTURNAS: Documentário respeita a privacidade de pianista

No camarim com Martha Argerich

Divulgação

Eduardo Fradkin

DVD
CRÍTICA

Logo no início deste documentário, a pianista argentina Martha Argerich diz que não se sente à vontade diante de câmeras e cita o programa "Big Brother": "Aquele bando de exibicionistas que gostam de expor suas vidas particulares. Eu, não!". A declaração foi usado como uma introdução pelo diretor franco-suíço Georges Gachot, como quem avisa: o que vier é lucro...

Ao longo dos 63 minutos que se seguem, ela baixa um pouco a guarda ao falar de música, de seu grande mentor, o pianista austríaco Friedrich Gulda, com quem ela estudou na Europa no início da carreira, e ao contar histórias divertidas, como quando cismou em cancelar um concerto só para ver como era, e arranjou a desculpa de que estava com um dedo machucado. Mas (todo gênio não é louco?) ela resolveu arrepentir o dedo de verdade para não correr o risco de ser pega na mentira.

Os depoimentos são entremeados com trechos de apresentações ao vivo e de ensaios. O brasileiro Nelson Freire é um dos parceiros que aparecem com ela no palco. Ele também foi tema de um documentário, dirigido por João Moreira Salles, no mesmo ano em que o da amiga argentina foi lançado, 2003 (o dela chega agora às nossas lojas, via Biscoito Fino). Não é a única coincidência. Ambos são tímidos, estão entre os



A PIANISTA MARTHA Argerich: avessa a se expor diante das câmeras

maiores nomes do piano clássico hoje e tiveram a intimidade preservada pelos diretores de seus filmes. Não espere, portanto, ver em "Conversas noturnas" referências aos ex-maridos de Martha — o que não seria mera fofoca, mas tema de interesse musical, já que ela se relacionou com artistas talentosos como o pianista Stephen Bishop-Kovacevich e o regente Charles Dutoit — ou ao câncer de pele que ela superou.

Extras trazem cenas repetidas do filme

A pretensão de Gachot — que é conhecido dos brasileiros pela direção do documentário "Maria Bethânia: Música é perfume" e está preparando um sobre Nana Caymmi para 2009

— não foi devaluar a vida da pianista. Em vez disso, ele faz o espectador se sentir como um convidado dela em seu camarim, batendo um papo descontraído após um concerto.

A duração é curta. Mas, levando-se em conta o aviso no início do filme, não se pode reclamar. Há ainda 38 minutos de bônus, em que Martha toca Lutoslawski, Schumann, Piazzolla e um bis com peças breves de Bach, Chopin e Scarlatti. Porém, boa parte do que está nos extras também foi usada no filme. O longo trecho em que ela ensaia o concerto para piano de Schumann, por exemplo, é um "copy and paste" descarado. Dá raiva. Mas não é que, mesmo assim, é difícil apertar o "fast forward"? ■